



Maputo 22/11/2022

Sua Excelência, Senhor Presidente do Conselho Municipal de Maputo.

Sua Excelência, Senhora Directora Nacional de Planificação e Cooperação do Ministério da Saúde.

Sua Excelência, Senhor Embaixador de Espanha.

Organizações e instituições irmãs na defesa do direito à saúde em Moçambique

Caros e Caras participantes na segunda Conferência Internacional de Determinantes Sociais da Saúde,

Nos últimos três anos, falar da saúde tem sido uma prática habitual no nosso dia-a-dia. Todo o mundo, literalmente, todo o mundo, tem falado e ainda fala da sua saúde, da saúde dos seus familiares, da saúde dos seus colegas. E, de forma geral, da saúde dos seus países e regiões.

A verdade é que temos vindo a sofrer os impactos de uma pandemia global muito destrutiva, mas acho que alguma coisa boa podemos retirar deste período mais sombrio: a saúde está na agenda de todos nós.

Ainda mais interessante, é que se fala da saúde numa forma muito particular, por exemplo:

- Vou ter que ficar em casa a trabalhar porque estou a sentir uma dor na cabeça, não quero arriscar a saúde dos meus colegas de trabalho.
- Ouvi nas notícias que nas províncias do norte têm tido menos acesso às vacinas do que no sul.
- Uma amiga que trabalha a limpar a casa numa família apanhou o vírus no chapa, a caminho do emprego.
- Apanhamos um vírus que veio do mato, de lá longe, numa floresta da Ásia, onde entraram umas pessoas a trabalhar.

Poderia continuar a dar exemplos de frases que tenho ouvido em muitos e diferentes contextos. Afinal de contas, se olharmos para estas afirmações, todas elas falam da saúde e, de forma particular, da relação que tem a saúde com o emprego, com a geografia onde moramos, com o género e com o ambiente.

Estes aspectos (e outros) são o que tecnicamente chamamos Determinantes Sociais da Saúde. São todos aqueles aspectos que explicam e justificam as iniquidades em saúde que experimenta uma determinada população. Só que, se falarmos de DSS, provavelmente a minha mãe ou a minha vovó não vão entender. Mas, se explicarmos que a vizinha, que é muito pobre e que tem que ir trabalhar, ainda corre o risco de apanhar um vírus e que, provavelmente, poderá ficar doente, claramente a gente “da rua” percebe que a nossa saúde não depende só da nossa genética. Ou, como querem transmitir algumas empresas privadas de saúde, da nossa força de vontade para praticar desporto todos os dias (ainda é bom para a saúde....).

Muitos exemplos práticos e estudos têm vindo a demonstrar, desde há algum tempo a esta parte, que a grande maioria das vezes, investir nos determinantes da saúde é uma estratégia de prevenção de futuros problemas de saúde da população.



Por outro lado, a disponibilidade de acesso a unidades sanitárias (hospitais, centros de saúde, etc.), é por si só um aspecto muito importante, e é outro determinante. É bom, sim, ter um hospital perto, mas não é suficiente. Ou, para explicar duma forma mais clara: de que serve um hospital se moramos ao lado duma grande central térmica que queima carvão dia e noite?

Tendo em conta o perfil dos grandes profissionais que estão aqui nesta sala, peço desculpas se o meu discurso é demasiado simples. Mas, tenho que confessar que esta é outra das minhas grandes preocupações, tanto a nível profissional como a nível pessoal: não estamos a ganhar a batalha mediática. Não estamos a conseguir levar a mensagem à população de que a saúde é um direito. Estamos a falar uma linguagem que a população não entende, num tema-chave para a Humanidade.

É aqui onde todos nós desempenhamos um papel muito importante e, se calhar, a sociedade civil a que mais... As organizações estão muito perto da população, estão integradas por pessoas de diferentes perfis, pais, mães, filhos que defendem uma missão e lutam por um sonho que, no final, é o sonho de todos nós: que a saúde seja um bem público intocável.

Aqui temos um bom número delas e bem organizadas, sim. Entidades de diferentes perfis, com diferentes abordagens, de diferentes províncias e até de diferentes países, estão integradas num movimento social, a Aliança para a Saúde, que a única coisa que pede aos seus membros é que defendam a saúde como um bem público, que deve ser um direito, e não uma coisa que se pode comprar e vender.

Do meu ponto de vista, estes são os objetivos deste encontro: (1) falar de todos aqueles aspectos que afectam a saúde, para além dos mais evidentes, relacionados com o próprio sistema de saúde, assim como de estratégias inovadoras e integrais para melhorar a nossa saúde; e, (2) falar e transmitir o nosso debate à população numa linguagem mais próxima e clara.

Gostaria de agradecer a todos e todas que tornaram possível esta II Conferência Internacional sobre Determinantes Sociais da Saúde, especialmente a todos os membros da Aliança para a Saúde. Este movimento tem um longo futuro em Moçambique. Este movimento está e continuará a lutar por uma saúde para todas as pessoas em Moçambique.

Gostaria de agradecer à Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento pelo apoio que está a prestar à **medicusmundi** e à própria Aliança para a Saúde. Também à ACCD, ao Ajuntament de Barcelona e à Open Society Foundations. Finalmente, ao Ministério da Saúde, pela sua luta constante pela saúde do povo moçambicano.

Muito obrigado e desejo que seja um Conferência muito produtiva e transformadora para todos e todas as assistentes.

Ivan Zahinos
Director de Relações Internacionais
Medicus Mundi